

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.º 5

SUMMARIO — Discurso do socio effectivo Rozendo Carvalheira na sessão de 26 de julho de 1895 — Noticias da freguezia de Alcaíça, por Ascensão Valdez — A Sociedade archeologica lusitana, por João Carlos d'Almeida Carvalho — Pelourinho, por G. Pereira — O collar de Penha Verde, por G. Pereira — Convite do Instituto ao presidente da Associação, J. P. N. da Silva — Extractos das actas — Estampa colorida = *O collar de Penha Verde*.

DISCURSO DO SR. ROZENDO CARVALHEIRA
NA SESSÃO DE 26 DE JULHO DE 1895

Meus senhores. — Cumpre-me, em primeiro lugar, agradecer aos illustres cavalheiros, que compõem esta benemerita associação, a honra, por certo immerecida, de me receberem no seu gremio; honra, para mim tanto mais apreciavel, quanto é certo que, da minha parte, nada existe que recomende a minha obscura individualidade á aquiescencia benevola de tão illustrados consocios.

Em todo o caso, se o serviço de uma incondicional boa vontade, auxiliada pelo trabalho aturado, pôde servir como uma força, embora diminuta, essa força ponho-a ao serviço, á cooperação dos trabalhos associativos, caso a acceitem na sua infima validade.

Em agremiações da natureza d'esta, a que já tenho a honra de pertencer, todos os esforços e aptidões, todas as vontades devotadas, são, ou devem ser, consideradas uteis e bemvindas.

A hera não se dá mal com o gigantesco cedro, e se muitas vezes este lhe cede a seiva, que a vivifica e alenta, tambem, em troca, recebe d'ella a frescura e a apparencia vicejante, de que se orgulha na sua vetustez respeitavel.

Homens envelhecidos no labutar permanente de uma vida plena de dedicação ao estudo, criam uma força enorme, que lhes santifica o trabalho honesto; essa força, supremo auxilio dos novos, chama-se: conselho.

Mas no labutar constante, origem e base d'essa força, algumas energias da vida se perdem, muitos entusiasmos se embotam, muitas descrenças se arreigam, e, n'estes casos, o sabio, o sincero e devotado operario das phalanges da sciencia, sentir-se-hia curvado irremediavelmente sob a força do desanimo, se não tivesse junto a si novas energias e esperanças, novas aspirações e desejos, synthetizados na fogosa mocidade, que lhe solicita o conselho auctorizado, permutando com elle planos de futuros commettimentos.

D'este reciproco auxilio, d'esta cooperação lealissima e sincera, pôde e deve surgir o desejado equilibrio entre forças que perdem a sua primitiva energia, e as que surgem na plenitude da sua intensidade.

Antes de mim, e com melhores titulos ao ingresso n'esta respeitavel collectividade, entrou um dos novos, que pelo seu elegante discurso de apresentação, manifestou as mais felizes disposições e bons desejos de cooperar nos trabalhos d'esta associação benemerita; se a elle me refiro, nas breves palavras que me restam dizer ainda, é porque, na doutrina exposta no seu discurso, muita coisa vejo que intimamente perfilho, porque sinto de igual modo, e algumas outras n'elle vejo expressas, que profundamente lastimo as houvesse produzido um espirito, que tem, pela educação recebida em meio mais amplo do que o nosso, restricta obrigação de se não preoccupar com infimas *bugigangas*, permittam o termo.

A selecção hierarchica entre escola e escola é hoje incompativel, por injusta, com o espirito da epoca e com as tradições da democracia escolar.

Dizer-se que o Instituto Industrial é *inferior* à Academia de Bellas Artes, parece-me affirmativa um pouco ousada, sabendo-se, como é notorio, que algumas cadeiras do instituto são indispensaveis para o complemento do curso de architectura.

Em cursos especiaes não ha, a meu ver, comparação possivel, e cada um figura pelo seu valor absoluto.

O architecto e o conductor de obras publicas ou de minas, teem a sua esphera d'acção determinada, podem viver junta ou separadamente, nunca se confundem, e d'esta egualdade de principios nasce naturalmente a sua não desigualdade hierarchica.

Cumpria-me a mim, antigo alumno do instituto, que me orgulho de lhe dever o pouquissimo que valho, fazer esta declaração no mesmo logar onde se fez a affirmativa contraria.

Ellaahi fica: cumpri, como o entendo, strictamente o meu dever, e nada mais sobre o assumpto desejo accrescentar, embora se prestasse, a mais vastas considerações.

Releve-me o sr. Adões Bermudes, meu illustre consocio, esta breve contestação a um periodo do seu valioso discurso, que me pareceu injusto; se n'este ponto divergi por completo da sua opinião tão claramente manifesta, em outros como já disse, me encontro em completo accordo.

Quando se refere á profunda decadencia a que chegou a architectura em Portugal, tem phrases energeticas, merecidas e justas.

Queixa-se, e com razão, da concorrência que, aos architectos diplomados, fazem os simples *amadores* de architectura, como pittoresca e graciosa-mente lhes chama, e revolta-se contra os governos que desattendem aquelles, que a longes terras foram beber noções d'arte pura, para com ellas vi-rem honrar o torrão natal — torrão tão esteril e ingrato, por signal que até ao presente, que me conste, não tem feito florir tão boa semente, com tanto carinho transportada dos grandes centros da arte antiga e moderna — Roma e França.

Decididamente Portugal é um pessimo terreno para sementes exoticas...

Ainda n'este ultimo caso, o meu erudito consocio tem razão.

E creia que sou insuspeito, quando lhe digo que tem razão, porque, bom é que se saiba e fique registrado, eu sou um dos *taes*, sou, em arte, e especialmente em architectura, uma entidade, a que um Lamark, um Cuvier da arte, classificariam devidamente, collocando-me no grupo zoologico dos — *amadores* —. Está bem.

Queixa-se tambem, e então com plenissima jus-

tiça, da concorrência dos architectos e outras entidades artisticas, que varios governos teem importado do estrangeiro, generos estes de importação, por signal de tão melindrosa essencia, que ao serem implantados aqui perdem a seiva luxuriante da arte, que lá fóra os fez notabilidades, e que em Portugal, talvez pela ingratidão do clima, que fartamente descompõem, se transforma em opáca resina de chata mediocridade.

É uma triste verdade, mas é uma incontestavel verdade, salvo uma ou outra rarissima excepção.

Quaes os signaes da influencia artistica exercida por essas entidades de importação durante o já longo periodo d'uns poucos de annos?

Que obras notaveis, que discipulos teem surgido do ensino ministrado nas escolas do paiz, de forma a justificarem a despeza enorme que se tem feito com o professorado estrangeiro de contracto?

O paiz é mau, o paiz não presta, tudo quanto possuimos e fazemos é detestavel, mas, apesar de todas essas circumstancias desgraçadas, apesar de tudo ser ruim, como despejadamente confirmam os estrangeiros, em geral agarram-se ao nosso solo ingrato, criam raizes, absorvem-lhe avidamente a seiva que o chão patrio lhes negou, e quando já sentem o peso dos fructos d'ouro, recolhem-se nostalgicos á saudosa patria.

É justo o sr. Adões Bermudes quando se refere a tão conspiciosos cavalheiros.

A idéa grandiosa da instituição das escolas industriaes é de tão vasto alcance para o paiz, que só por si basta para immortalisar o nome dos patrioticos ministros que a tornaram um facto.

Quando se fallou no provimento d'essas escolas por professores estrangeiros, todos, e até o talentoso ministro que o decretou, esperavam que d'essa resolução adviesse, para o paiz, um renascimento industrial e artistico, que de vez nos orientasse n'um caminho positivo de bem entendido progresso.

Já lá vão bastantes annos, e por emquanto nada se viu de extraordinario que justifique a permanencia de estrangeiros nas escolas industriaes; o que se tem feito, está, louvado Deus, inteiramente ao alcance dos optimos elementos nacionaes que possuimos, para isso temos no paiz muitas e prestantissimas aptidões, que facilmente dispensariam a collaboração de estranhos.

Infelizmente, por lastimavel depravação do sentimento patrio, somes sempre os primeiros a menosprezar o bom que temos, ao mesmo tempo que nos estarracemos de pasmo perante todas as notabilidades exoticas que trazem o carimbo d'além da fronteira; lastimavel e criminosa tendencia a nossa!...

* * *

Evidentemente a entidade architecto é, de todas as entidades artisticas, a que maior responsabilidades conglobo, e maior somma de conhecimentos exige.

Se a Grecia elevou o conceito dos architectos, quasi á dignidade de semideuses; se Roma lhes tributou honras excepcionaes e raros privilegios; em troca, lhes exigiram uma tal simultaneidade de conhecimentos e aptidões, que raros, rarissimos mesmo, possuiram.

O architecto era o projectante, o constructor, o escultor, o fundidor de metaes, o engenheiro em fim. Era o pensamento, a idea, a execução.

Cada conquista feita em favor da sua difficilima e complexa arte, era um triumpho saudado pelos contemporaneos com as maiores demonstrações de apreço.

A Bysés de Naxos, architecto que floresceu no 6.º seculo antes de Christo, foi erigida uma estatua commemorativa, pelo facto de haver inventado a arte de talhar no marmore telhas destinadas á cobertura de edificios.

Vitruvio foi talvez o mais antigo architecto e engenheiro digno d'estas classificações; teve a rara felicidade de nascer e florir no gloriosissimo seculo de Augusto, seculo extraordinario para as bellas artes e sciencias, e por isso as preciosas qualidades com que a natureza o dotara encontraram amplo campo, plano e fecundo, para se expandirem e applicarem, de forma a immortalisarem-lhe o nome e a caracterisarem um seculo.

D'esse aureo periodo da arte existem, como em velho livro, as paginas vetustas corroidas pela traça dos seculos, representadas nos restos de aqueductos, thermas, pontes, arcos, fontes, amphitheatros e templos, que a magnificencia dos romanos elevou n'esse periodo afortunado.

A sciencia architectonica, coordenada, codificada, por assim dizer, por Vitruvio, no seculo de Augusto, foi a fonte perenne onde beberam os architectos das gerações subsequentes.

O classicismo tem ahi a sua origem, a sua base fundamental.

Durante os seculos decorridos, desde Augusto até ao reinado de Constantino, a architectura floresceu com desusado brilhantismo.

D'esta epoca em diante, os effeitos da invasão dos barbaros fizeram-se sentir d'uma forma desgraçada em todas as manifestações do genio humano, causando revoluções funestissimas nas sciencias e nas artes.

Nos reinados subsequentes ao de Constantino, a architectura greco-romana, que já tinha attingido um elevado grau de perfeição, sente se gradual-

mente definhar, viciada nos seus fundamentos, até que de todo succumbe e se annulla na sua formula classica e pura, para depois emergir pervertida no seu purismo tradicional, hybrida, maculada, balbuciante, chrismada em architectura gothica ou tudesca.

Essa architectura extraordinaria campeou triumphante por seculos, sem que uma contra-corrente artistica se lhe oppozesse, até que Philippe Brunelleschi, architecto florentino, com assombrosa dedicação e efficacia, se oppoz ás idéas predominantes, arvorando o estandarte da revolta, em nome do purismo classico, e purgando a architectura greco-romana dos barbarismos com que, durante longo tempo, havia sido maculada e quasi subvertida.

Ao grito de revolta de Brunelleschi, correram a filiar-se na cruzada de renascimento classico os Bramante, Falconeto, Buonaroti, Sansovino, Vignola, Palladio, Scamozzi, e muitos outros, que durante seculo e meio constituíram a brilhantissima phalange de luctadores, que repoz a architectura no seu brilhantismo e na sua pureza primitiva.

Se Vitruvio foi o primeiro architecto que compilou as regras e principios da architectura greco-romana, quando ella estava em plena efflorescencia, Palladio foi incontestavelmente quem codificou, de um modo definitivo, as suas leis fundamentaes no periodo da renascença.

Eis n'um rapido esboço os grandes periodos caracteristicos da architectura, as suas mais importantes phases.

De 1500 até ao presente, a architectura tem soffrido modificações mais ou menos sensiveis.

As formulas classicas, impostas pelo renascimento triumphante, raras vezes teem preocupado seriamente os artistas, principalmente no presente seculo, e uma desenfreada licença, uma, por vezes mal entendida, liberdade artistica, tem acarretado sobre esta difficilima manifestação d'arte umas perturbacões profundas, anarchicas e dissolventes.

O modo de ser social d'um povo traduz-se fatalmente nas suas manifestações artisticas.

A architectura é, talvez, de todas ellas, a que mais profunda e immediatamente recebe e transmite as impressões revolucionarias do meio em que floresce.

Por essa razão se explica o intenso poder suggestivo de um monumento architectural, seja qual fôr a epoca da sua construcção, principalmente quando ella se correlaciona com a commemoração d'um facto que impressionou profundamente uma epoca.

As chronicas, os poemas medievaes, escriptos no labor caprichosissimo do marmore, fallam mais eloquentemente ao espirito de quem sinceramente ama o passado no que elle teve de imponente, de

heroico e grandioso, do que as estrophes, por vezes banaes, dos primitivos trovadores e poetas.

Entre-se em qualquer templo, d'aquelles que o passado nos legou, envolto na dourada poeira da tradição, templos que, por vezes, synthetisam todo o esplendor d'uma epoca, toda a valentia d'uma raça, toda a sinceridade d'uma crença; é extraordinaria a impressão recebida!

Perpassa-nos pelo espirito absorto na contemplação, uma revoada do passado, toda a visão complexa d'uma epoca.

A nudez vetusta das naves a indicar-nos a simplicidade do viver coevo, o arrojo quasi maravilhoso das artesoadas abobadas, apenas pousadas ao de leve sobre os rendilhados capiteis de esbeltissimos feixes de caprichosas columnas, a revelarem-nos a coragem e o arrojo de sobrehumanos accommettimentos; os formosissimos vitraes, por onde a luz solar vae coar-se, até beijar melancolica o chão sagrado do templo, a suggerirem-nos idéas de meditação, que nos elevam o espirito á suprema aspiração da fé, ao seio infinito de Deus.

Isto, ou antes, o complexo de tudo isto, assoberba-nos de tal forma o espirito, com o seu intenso poder suggestivo, que chegamos a esquecer-nos de nós mesmos n'esse sonhar acordado, que a fugitiva, visão de outros tempos, nos produziu, anestesiando-nos a alma n'uma photosphera de mysterio e de crença.

Entrando-se no edificio monumental da Batalha, sente-se alguma cousa parecida com este complexo de impressões; o animo varonil, heroico e ousado de D. João I, a crença austera e sinceramente sentida, que lhe inspirou a alma patriótica e lhe robusteceu o ferreo braço, parecem transudar da velha silharia dos muros, do gigantesco das abobadas, dos finissimos labores que guarnecem todo o templo.

Ao sentir-se a visão de toda essa epoca fulgentissima da nossa nacionalidade, parece ouvir-se o canto ousado do guerreiro, intercalado pelas melodias suavissimas d'um hymno, entoado por esses dois luminares da nossa historia, que se chamam: D. João I, o mestre d'Aviz, e Nuno Alvares Pereira, o santo condestavel.

Ora, se a cada monumento que o passado nos legou, se ligam intimamente as tradições de factos que constituem todo o nosso orgulho de portuguezes, hoje, quasi o unico patrimonio que nos resta do muito que malbaratamos, porque nos não havemos, todos os que presamos as nossas gloriosas tradições, unir n'uma cruzada santa, afim de se impedir de vez, mas de vez, notem bem, os vandalismos que ainda, para vergonha de todos nós, se estão commettendo a cada passo?

Alguma cousa n'esse sentido se tem feito, e esta associação, com desvanecimento o reconheço, tem

o seu maior titulo de gloria no muito que, para esse fim, tem concorrido.

É mister, porém, aos muitos que já tem feito, accrescentar novos esforços, de forma a garantir a conservação dos vestigios preciosissimos dos nossos monumentos que, além de serem para os desfalecimentos do presente, um poderoso incentivo, pelo muito que dizem na sua mudez eloquente, são também documentos valiosos para o estudo que deve fazer-se da historia da arte em Portugal.

Quizera ainda sobre os varios assumptos, em que de leve toquei, dizer alguma cousa do muito que me resta dizer, mas já de sobejo tenho abusado da paciencia e attenção dos meus illustres consocios, e não quero, que, na primeira occasião, em que me encontro com elles, lhes fique o direito de me *classificarem* como o mais estupendo dos bachareis formados na faculdade da — massada.

Para classificação, louvado Deus, já me basta a de *amador* em cousas d'arte, e especialmente em architectura, com que virtualmente me honraram, e me honro; fiquemos n'isto.

Cumpr-me pois, terminar, confirmando mais uma vez o profundo reconhecimento de que me encontro possuido, ao ver que homens de reputação, formada pelos seus muitos e valiosos trabalhos, não recusaram, antes acolheram benevolamente no seu illustradissimo gremio, como seu consocio, uma entidade que nada tem a recommendal-a, se não o ser o seu reconhecimento intensissimo e a sua gratidão profunda pelos favores recebidos.

Tenho dito.

ALGUMAS NOTICIAS PARA A DESCRIPÇÃO HISTORICA DO LOGAR E FREGUEZIA DE ALCAINÇA

(Continuação dos n.ºs 3 e 4)

LOGAR DA CARRASQUEIRA E A ERMIDA DE SANTO ANTONIO

O lugar da Carrasqueira da freguezia de S. Miguel de Alcainça era antigamente uma aldeia do termo e correição de Cintra, ouvidoria de Alemquer. Actualmente pertence ao concelho e comarca de Mafra.

Em 1751 haviam onze aldeias com o nome de Carrasqueira, presentemente existem dezenove lugares pelas provincias do Minho, Douro, Estremadura, Alemtejo e Algarve, e dezeseite casaes, herdades e montes assim denominados.

O lugar de que se trata tem dezoito fogos.

As noticias antigas, que se encontram acerca do lugar da Carrasqueira, constam dos tombos dos bens da capella de S. Silvestre, instituida na egreja parochial de S. Miguel de Alcainça pelo padre Vicente Annes Froes, prior de Santa Maria de Che-

leiros, em cumprimento das suas disposições testamentarias de 31 de março de 1363, e n'esse testamento o instituidor, entre outros casaes legados, menciona o «Cazal da ponte.»

Como os administradores dos bens da capella de S. Silvestre não cumprissem as obrigações da instituição, el-rei D. Manuel mandou em 1499 fazer tombo de todos os bens como bens da corôa, e n'esse tombo acha-se assim descripto o

«Cazal da ponte do Mosteiro
verba do tombo velho.»

«Item o dito cazal da ponte do mosteiro que he em o dito termo de cintra que ora traz arrendado hum Sebastião lourenço, e paga delle de renda em cada hum anno sincoenta e seis alqueires de pão meado, e hum boreco, este cazal tem huma terra grande na cabeça de nouollos (cabeço do Mocharro) que he della lauradia, e della em campos nos ualles della, e della he em serra, e matos maninhos a qual terra se começa des o cume da dita cabeça de nouollos agoas uertentes para o Rio da ponte contra Alcainça assi como parte do leuante do cume da dita cabeça com termo de lisboa, e do ponente entesta no baixo com herança dos cazaes de Alcainça e com cazal de Dom Pedro sardinha e do abrego (sul) com cazal de Santa Cruz de coimbra, e do aguião (norte) com o dito do dito Dom Pedro, e he de longo medida pello mejo uindo direita de sim: até baixo noucentas e nouenta uaras, e da parte do Rio Leva de largura seis centas e nouenta uaras.»

El-rei D. Filippe II, em seu alvará de 4 de outubro de 1619, ordenou que procedessem a novos tombos dos bens das capellas da corôa, os quaes andavam sobnegados e alheados, e os juizes executores, nomeados para esse fim, mandaram em sua sentença de 30 de setembro de 1624, proceder a novo tombo de todos os bens da capella de S. Silvestre, comparado nas confrontações e medições com o antigo, e foi então descripta da seguinte forma a

«Verba do tombo nouo»

«Item o cazal da ponte do mosteiro da Carrasqueira que está no termo da villa de cintra parte da banda do poente com o Rio, e com Inacio fernandez da carrasqueira, e tem por esta parte seiscentas e oitenta e tres uaras, e da parte do sul parte com os cazais da Universidade de coimbra por onde está todo demarcado e tem por esta banda noucentas e corenta e seis uaras e do leuante parte com termo de lisboa e estremadura do termo da Villa de cintra e com jurdão fernandez do cazal

do mocharo termo de lisboa e do norte parte com cazal que tras Inacio fernandez da carrasqueira que he de herdeiros do Sardinha, e com hereos (herdeiros) do lugar da carrasqueira o que todo está deusado, e tem alguns marcos e por o mejo dos combros do Rio tem medido o dito cazal quinhentas quarenta e sete uaras por ser largo ao longo do Rio, e vir para sima estreitando tanto que tem no fim do Rio seiscentas e oitenta, e tres uaras, a parte do poente, e ao leuante não tem mais de duzentas e trinta e duas uaras.

Pelas confrontações demarcadas ao Casal da ponte no tombo de 1624, conhece-se que a existencia do logar actual está approximada ao que n'aquella epocha era indicada.

A povoação da Carrasqueira está assente em uma collina, em cujo cume foi edificada uma ermida dedicada a Santo Antonio.

O oiteiro da Carrasqueira está entre, e a menos de meia altura, do cabeço do Cerro com 402 metros sobre o nivel do mar, e do cabeço do Mocharro ponto trigonometrico marcado com 425 metros.

A meia encosta do cabeço do Mocharro, voltada ao norte, existem as ruinas de uma casa nobre com sua capella, obra do fim do seculo passado ou principio do actual, conhecendo-se que tinha sido bem construida; pois que todas as humbreiras e vergas das portas e janellas são de boa cantaria: é alli a quinta das Pêgas com magnifico arvoredado e muita vegetação pela muita agua de rega. N'este cabeço ha nascentes de agua potavel, sendo uma muito abundante e de excellente frescura no verão.

A quinta e o cabeço pertencem á freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Igreja Nova, tambem do concelho de Mafra.

No cume do cabeço está o marco geodesico ou ponto trigonometrico, e os obreiros na reconstrução marcaram na argamassa o anno e naturalmente as iniciaes dos nomes do pedreiro e tralhador ajudante

1885

M. V.

L N

O panorama, que se desfructa d'este cume, é surpreendente, ao norte e leste proximos os differentes cabeços d'esta região, mais ao longe no alto a capella de Nossa Senhora do Socorro ou das Neves, tambem denominada Senhora da Cabeça, e ao fundo a serra de Montejunto, vendo-se uma grande quantidade de povoações até ás proximidades de Torres Vedras, ao poente Mafra e outras povoações, o Oceano até ás Berlengas, e ao sul Cintra e todo o campo do Almargem e Sabugo; não se avistando a parte alta occidental de Lisboa, porque

fica encoberta pela serra da Carregueira superior a Bellas

Seguindo a linha ferrea de Lisboa a Torres Vedras, na região entre as estações de Mafra e Malveira, por um valle, a Carrasqueira fica do lado do sul ao kilometro 36,400, marcados da estação de Alcantara-terra, com casa de guarda da passagem sem cancellas.

Como a povoação está assente no alto e encosta sul do oiteiro, nos valles do lado do norte e do sul existem duas pontes, umas simples lageas sobre uns encontros de alvenaria, sob as quaes correm no inverno as aguas dos cabeços, as quaes se vão juntar á ribeira da Malveira.

ERMIDA DE SANTO ANTONIO

Está edificada no alto da Carrasqueira, não apresenta antiguidade; é fundação do fim do seculo XVII, em tudo conforme «a aspereza e pobreza da regra da ordem dos frades menores do seraphico padre S. Francisco» á qual o nosso Santo Antonio pertenceu. Tem a frontaria voltada ao poente com um alpendre, tendo na frente uma entrada e duas janellas, na parede do lado do norte outras duas janellas, e na do sul outra entrada e duas janellas, medindo este alpendre de largura 6,^m18 incluindo as paredes, e de comprido 4,^m60 até á porta da entrada para a ermida.

A ermida mede interiormente de largura 4,^m75, e de comprimento 7,^m66 desde as humbreiras da porta principal até ao arco cruzeiro, e do arco ao fundo do altar 3,^m55, e de largura da capella do altar 4,^m10.

Tem um só altar, e as paredes da capella aos lados do altar estão forradas de azulejos, branco e azul, na altura de 1,^m62 e de largo 1,^m25, formando dois quadros representando actos attribuidos á vida do nosso thaumaturgo Santo Antonio de Lisboa; da esquerda é «a mula recusando a comida e prostrando-se na presença do SS. apresentado pelo Santo» e da direita é o Santo «prégando aos peixes, já que os homens o não queriam ouvir.» A pintura d'estes azulejos é de bom desenho.

Na capella, proxima ao altar e do lado do sul, ha uma porta, que communica com a sacristia, a qual tem outra porta para o adro, coberta com um pequeno alpendre.

Todas as janellas e portas são de forma rectangular.

No extremo do terreiro onde está a ermida, e para o poente, existe um cruzeiro, uma cruz liz de pedra sobre tres degraus.

Os moradores da Carrasqueira fazem annualmente a sua festa a Santo Antonio, quasi sempre em fim de agosto ou principio de setembro, depois

da colheita do milho, principal producção agricola da localidade, consistindo a festa em missa, sermão, procissão e arraial com a musica de *numero dois* (como lá dizem) a tradicional gaita de folles e tambor.

(Continúa)

ASCENSÃO VALDEZ.

A SOCIEDADE ARCHEOLOGICA LUSITANA

As antiguidades extrahidas das ruínas de Troia, e onde é que se acham depositadas

Não vamos publicar um corpo de doutrinas, concernentes á sciencia archeologica, com a pretensão de fazermos a historia de antigos povos, que estacionaram nas margens do antigo Callipus, Sadam, etc., e de outros que occuparam diversos territorios, mais ou menos proximos, tendo de remontar-nos ás suas origens, raças, linguas e costumes d'essas gentes, que existiram ora agrupadas em tribus ou familias distinctas e separadas, ora confederando-se e formando nações mui populosas e importantes em epochas remotas, e quasi que extinctas e apagadas.

Ha-vemos de mais tarde, se a vida nos não faltar e o vigor nos não abandonar, tentar ainda, em rapida revista retrospectiva, esboçar a largos traços o que antigos auctores e modernos escriptores tem tratado e publicado não só em grossos volumes e em obras de menos tomo, mas ainda em monographias, opusculos e folhas avulsas lançadas á luz da publicidade, onde se encontram muitas e diversas noticias com respeito a uma antiga cidade, cuja origem se perdeu na escuridão dos tempos, mas que se fundára n'uma parte da margem esquerda do Sado, que alli em população crescera e em trato e policia florescera.

Com o correr, porém, dos seculos, que tudo a final destroem e consomem, essa famosa cidade, depois de se elevar ao apogeu do fausto e da grandeza, foi declinando e cahiu na obscuridade da pobreza, e mais tarde, depois de ter passado por entre as luctas sangrentas e assoladoras dos homens, de todo foi destruida por uma d'essas tremendas revoluções geologicas, não raras em antigas epochas, e que a arrastára e submergira entre dunas ou medas de areias revoltas pela invasão impetuosa das aguas maritimas convulsionadas.

O nosso objectivo não é, porém, desde já entrar, ou antes tactear esse assumpto, nem por ora dar publicidade ás largas e interessantes noticias que temos colhido da historia e do estudo, acompanhando-as d'aquellas, não menos valiosas, que nos legaram os annaes, os diarios e muitos outros instructivos e preciosos documentos relativos á «So-

cidade Archeologica.» O nosso objectivo, o nosso fim principal é fazer com que fique bem manifesto, accentuado e publico onde é que se acham de ha muito depositadas na Academia Real das Bellas Artes de Lisboa todas as antigualhas e demais objectos, como livros, documentos e papeis pertencentes áquella sociedade, e que á mesma Academia foram entregues em deposito, com todas as garantias necessarias. Tanto mais quando já vae cerca de meio seculo decorrido desde a fundação da «Sociedade Archeologica.» E bom é que d'ella ainda nos recordemos.

Da entrega d'esses objectos á Academia Real das Bellas Artes fallou em tempo a imprensa, fallou-se nas duas casas do parlamento, e fallou-se em diversas associações litterarias e scientificas, assim como em diferentes commissões de homens competentes e auctorisados.

Mas como ainda assim ha quem de nada se lembre e tudo mostre ignorar, corre-nos o dever de nos esforçarmos para esclarecer esses espiritos desmemoriados.

Foi isto que nos suscitou a idéa de traçarmos as bases d'este opusculo, que de feito traçámos e tanto quanto possivel desenvolvemos. Mas n'isso ficámos, porque outras cousas occupavam a nossa attenção. O nosso antigo amigo, dr. Domingos Garcia Peres, quiz vêr o manuscrito, leu-o, e tanto lhe agradou, que me pediu logo, e por muito tempo tem instado para que o publique. E elle que foi nosso collega na fundação da «Sociedade Archeologica», elle que foi nosso companheiro nos esforços que se empregaram, para se pôr a salvo tudo quanto pertencia á mesma Sociedade, tem todo o direito a que satisfaçamos aos seus desejos.

Passando ás escavações nas ruínas da *Troia*, em parte da margem esquerda do Sado, apenas fazemos breves considerações com respeito ao que lemos, estudámos, investigámos e pensámos por entre as proprias ruínas.

As pesquisas e escavações, que teem sido executadas no local da *Troia*, desde meado do seculo xvi, e continuaram a intervallos e como que a retalho durante os seculos xvii e xviii, com quanto dirigidas por homens illustrados, alguns de subido saber e fervorosos exploradores auctorisados, nunca foram além de mui pequenos ensaios ou tentames de alguns amadores de antiguidades; mas, ainda assim, as antigualhas, que d'alli se extrahiram, mostraram a toda a luz que taes preciosidades, tantas e tão variadas, tinham servido de ornamento a uma vasta, opulenta e notavel cidade.

Nos começos do corrente seculo, algumas pesquisas alli se fizeram que produziram interessantes descobertas, comquanto outros achados de não menos valia foram devidos ao acaso ou a procuras de

um ou outro curioso nacional ou estrangeiro, e ainda ao derribar das dunas ou ao desmoronar das paredes, que as sustinham a prumo, e também ás mudanças quasi successivas das areias, que, impellidas pelos ventos, ora diminuem aqui, ora augmentam acolá.

Foi de todas essas noticias, e dos estudos, dos trabalhos materiaes e intellectuaes de portuguezes, illustres por seu saber, e de alguns estrangeiros, e ainda dos muitos e continuados achados, que parecia cada vez mais renascerem do solo da *Troia*, local da cidade submergida, que nasceu o pensamento da organização da «Sociedade Archeologica Lusitana», que n'este seculo se fundou na cidade de Setubal, sociedade que foi a primeira corporação scientifica de archeologos, que entre nós se instituiu, com o fim exclusivo de explorar as chamadas ruínas de *Cetobriga* e de adquirir luzes e conhecimentos sobre a historia, geographia e costumes antigos, dos quaes se tivessem originado os que existem.

Recordemo-nos, pois, da «Sociedade Archeologica Lusitana», que comprehendem a missão do seu seculo e teve a gloria de nascer entre as honras com que os grandes a acolheram e festejaram, no meio das boas vindas e applausos dos homens mais illustrados, e que assim encetou os seus trabalhos, ferteis em valiosos achados, e parecendo que a estrellada da felicidade em tudo a guiava, pois não pouca foi logo a luz, que das explorações se projectava sobre a historia d'essa cidade, dos seus desastres e das suas ruínas.

I

Por fins do primeiro quartel do corrente seculo, pouco mais ou menos, já se achava em Setubal o illustre bejense Manuel da Gama Xaro, então beneficiado da freguezia de S. Sebastião, depois parrocho e vigario geral no respectivo arcediagado, mais tarde desembargador da Relação do patriarchado, e afinal conego da Sé patriarchal de Lisboa; ecclesiastico dos mais dignos e illustrados, homem respeitavel por sua vasta erudição, subida intelligencia, prodigiosa memoria, e outros dotes que mais resplandeciam por seu honrado caracter e outras muitas virtudes. Mas de Gama Xaro já nós escreviamos em 1861 «que lia muito, mas pensava e meditava mais do que escrevia». E de feito poucos foram os seus escriptos, que publicou e que por cá deixou. Só quem de perto o conhecia e com elle convivera, podia fazer uma idéa approximada da sua mui profunda erudição, sempre tão apreciada e procurada pelo seu particular e devotado amigo o notavel cardeal Saraiva, Fr. Francisco de S. Luiz.

Gama Xaro era ordinariamente pouco communi-

cativo, e sempre que podia, conservava-se no retiro do seu gabinete, vivendo quasi sempre entre livros e papeis, e applicado aos estudos archeologicos. O fervor com que os abraçava, levava o a passar frequentemente á margem esquerda do Sado, que por largos annos visitou, e onde de continuo fazia pesquisas por entre as dunas, que encerravam as ruínas d'aquella antiga cidade a que chamavam *Cetobriga*. N'uma das mãos levava um livro, na outra um sacho, e assim por lá divagava e se aprazia d'aqui e d'alli a escavar, d'acólá e d'além a ir descobrindo mais ou menos antigualhas, que lhe serviam de estudo e regalo. No entanto Gama Xaro, posto que se furtasse ao bulicio do mundo, nem por isso deixava de ser accessivel a todos que o procuravam, e com particular predilecção se affeioava áquelles que reconhecia serem dedicados aos estudos, que elle tanto cultivava, prestando-se com gosto a servir-lhes de guia e a alguns até de mestre.

Mas estavamos já em meado do anno de 1849, quando ainda não se tinham extincto os restos de malquerenças nem apagado os resabios de passadas dissensões, e sobre Setubal pairavam ainda as sombras de trevas tempestuosas d'essas convulsões politicas e luctas fraticidas, uma das maiores calamidades que flagellam os povos.

E porque no entanto alguns individuos, uns por desenfado e diversão do espirito, outros por affeioados ás cousas antigas, continuavam passando quasi diariamente algumas horas do dia e da noite em casa de Gama Xaro, e por vezes o acompanhavam nas suas excursões pelos areiaes da *Troia*, que era o seu Eden predilecto, foi d'este respeitavel sacerdote que os neophytos antiquarios receberam o baptismo archeologico, assim como foi elle quem lhes serviu de guia e de mestre.

Foi d'essas reuniões, conversas ou palestras, quasi continuas, de um pequeno grupo de homens, ainda na força da vida e com a fé e illusões da mocidade, que, em casa do distincto archeologo, onde, por assim dizer, só se fallava em archeologia, pondo-se de parte opiniões politicas, nasceu a idéa de se encetar um ensaio de exploração ou reconhecimento no local d'aquellas ruínas, não só para desaffrontar alguns edificios d'entre as dunas, e pôr a descoberto muitos outros que sobresahiam á flôr do solo, como para romper por meio das médas d'areia, abrir largas vallas e cortar a terra em differentes direcções, além de serem extrahidas todas quantas antigualhas alli se encontrassem, deixando-se comtudo ficar fixas ao terreno todas as que por suas grandes dimensões ou outras condições não conviesse remover, pelo grave prejuizo que d'essa remoção resultasse; finalmente, que se procurasse quanto possivel qualquer inscripção geo-

graphica, que nos revelasse o nome da cidade destruida ou outros monumentos que nos instruissem, ou dêssem alguma luz sobre a area da povoação, grandeza e numero approximado dos seus edificios, vias publicas, e tudo quanto nos pudesse alucidar ácerca do viver, trato, economia e policia dos antigos habitantes da cidade.

II

Abraçada a idéa da exploração nas ruínas da *Troia*, e quando já se tratava de reunir um certo numero de cavalheiros que se esperava concorressem para se effectuarem as pesquisas, constou que o 1.º Duque de Palmella, em companhia do então visconde de Sá da Bandeira,¹ tencionava vir á Arribada, e d'alli passar a visitar aquellas ruínas. O mau tempo que sobreveiu, obstou á visita d'esses dous personagens, mas a idéa da exploração tomou novos alentos e robusteceu; e taes foram as esperanças que se incutiram no animo de muita gente, que logo se resolvera não só metter mãos á obra planeada, como dar-lhe maior desenvolvimento, alcance e realce correspondente.

Em seguida o mestre deu a traça, e os demais operarios secundaram-n'o com todo o entusiasmo da mocidade e d'aquellas paixões de uma idade sempre repleta de esperanças promettedoras de venturas.

Lavrou-se um relatorio e redigiram-se as bases sociaes que quasi de improviso, e no meio d'aquelle expansivo entusiasmo, receberam o titulo de *Estatutos da Sociedade Archeologica Lusitana*, cujo fim era exclusivamente promover, por todos os meios ao seu alcance, e effectuar uma escavação nas ruínas da antiga *Cetobriga*, e adquirir luzes e conhecimentos sobre a historia, geographia e costumes antigos, de que se lèvessem originado os que hoje existem (artigo 2.º)

Em Setubal formar-se-hia um museu archeologico dos objectos que se descobrissem, os quaes ficavam sujeitos á alta inspecção do governo, para que, na conformidade dos alvarás de 20 de agosto de 1721 e 4 de fevereiro de 1802, pudesse prover a que estes objectos se não deteriorassem ou alienassem indevidamente. Pertenceriam, porém, exclusivamente á «Sociedade Archeologica» o dominio dos ditos objectos, a gerencia absoluta na collocação e classificação d'elles, assim como o seu regimen interno e economico (artigo 3.º)

E no § 3.º do artigo 22.º preceituava-se *que era absolutamente prohibido tratar questões politicas*.

O Relatorio e Projecto de Estatutos foram en-

¹ Depois marquez de Sá da Bandeira.



LALLEMANT, LISBOA.

COLLAR DA PENHA VERDE
(CINTRA)

viados pelos socios fundadores¹ ao Duque de Palmella, acompanhados de uma respeitosa carta, em que se lhe supplicava houvesse dignar-se de acceitar a alta protecção da Sociedade.

A carta e demais papeis foram por um dos socios fundadores apresentados ao mesmo Duque, que, fazendo a mais benevola recepção, entre outras demonstrações de agradecimento, respondeu vocalmente e por escripto, que não só se lisongeava de como socio fazer parte da Sociedade, mas que o mais breve possivel iria a Setubal assistir á sua inauguração.

Esta tão esmerada deferencia praticada por tão alta personagem, foi de uma lisongeira e agradável surpresa para toda a povoação, porque via assim não só honrada a Sociedade como a sua propria terra.

O Duque não se fez esperar. Tendo sahido da capital em direcção ao seu solar de Calbariz, d'aqui, no dia 8 de novembro de 1819 dirigiu-se a Setubal. Ao estalar dos foguetes, nas alturas do Viso, que annunciava a chegada alli do grande e primeiro estadista portuguez dos nossos tempos, na villa, o povo como que em alvoroço sahia de toda a parte, correndo em magotes para a rua da Praia, quando já o sol ia no seu occaso. O Duque, sahindo da praça de S. Pedro, e entrando n'aquella rua, mostrou-se agradavelmente surprehendido ao vêr todo aquelle espaçoso terreno trasbordando de espectadores, e assim acompanhado de seus genros, o marquez das Minas e o conde das Alcaçovas, do seu secretario particular Roberto José da Silva, do governador militar da praça e dos socios fundadores, todos a cavallo, continuou caminhando, mas já por entre duas alas de povo e no meio de milhares de pessoas de todas as classes, que se descobriam e o saudavam na sua passagem, em quanto que o Duque não cessava de se mostrar commovido e agradecido áquella cordeal e respeitosa dedicação que se tornara, por assim dizer, n'uma manifesta e mui significativa ovação popular, ao som do fogo de artificio e das musicas marciaes, indo afinal alajar-se no hotel hespanhol, na mesma rua,² á porta do qual foi recebido com as honras militares, prestadas por uma grande força de caçadores n.º 1, destinada á guarda de s. ex.ª, que agradeceu e dispensou.

Na tarde do dia 9, o Duque de Palmella embarcava n'um escaler do Estado e ia visitar as ruínas da *Troia*, acompanhado dos fundadores da «Sociedade» e outras pessoas, além de diversos individuos que o seguiam em diferentes embarcações.

O Duque ficou maravilhado e mui satisfeito ao vêr tão grande numero de destroços de antigos monumentos, e desde logo prometteu a sua cooperação em tudo quanto estivesse ao seu alcance, para o bom resultado da empreza. E depois de percorrer o espaço de terreno que mais era occupado das maiores ruínas, e de subir ás dunas para observar o largo espaço do solo da *Troia*, descançou sob uma barraca de lona, que alli se armára, e depois reembarcou em direcção a Setubal, onde recolheu á sua pousada.

III

Na tarde do mesmo dia (9) o distincto estadista e fidalgo illustre dirigia-se ás denominadas casas dos *paços do duque*, onde, reunidos em assembléa geral, o esperavam os membros da «Sociedade Archeologica», que lhe rogaram acceitasse a cadeira da presidencia. Accedendo ás respeitosas instancias, assistiu assim á inauguração da mesma Sociedade e dirigiu os demais trabalhos preparatorios. Serviram de secretarios Annibal da Silva e Almeida Carvalho, que lavrou a acta da sessão.

O Duque agradece com as mais benevolas expressões de reconhecimento o logar de honra com que a assembléa o distingue. Manifesta o quanto lhe fôra agradável a visita que acabava de fazer ao local das ruínas, cuja vastidão o havia surprehendido. Pede que o titulo de protector se lhe elimine, e a assembléa o encarregue de, por parte da Sociedade, offerecer a Sua Magestade El-Rei D. Fernando o titulo de Protector, cujo nome seria a maior das garantias para que fossem coroados os louvaveis desejos de todos os seus membros. Diz que tinha a esperanza de que Sua Magestade não se negaria ao convite e dignar-se-hia assumir aquelle titulo. Estava convencido de que, com este seu pedido, faria o maior serviço á «Sociedade», dando-lhe toda a força para com a empreza a que ella se dirigia.

Expõem diversas considerações os socios Gama Xaro e Annibal Alvares da Silva, mostrando o receio de que Sua Magestade se recusasse, por ter a «Sociedade» já offerecido a Protectoria ao nobre Duque, manifestando, porém, a maior satisfação e desejo de que Sua Magestade annuisse ao pedido que respeitosa e mui iria fazer a «Sociedade».

O duque declara que não se recusará a acceitar a presidencia, como uma honra que a «Sociedade» já lhe offerecera.

Annibal Alvares da Silva fez então a proposta seguinte: Que a assembléa resolvesse, se quando os socios fundadores se dirigiram ao sr. Duque de Palmella, convidando-o a acceitar a presidencia protectora da «Sociedade», tinham fielmente exprimido os sentimentos de todos os socios?

¹ Manuel da Gama Xaro, Domingos Garcia Peres, Annibal Alvares da Silva, Sebastião Maria Pedrosa Gamitto, Jorge Tortades O'Neill e João Carlos d'Almeida Carvalho.

² E' a casa entre a travessa do Hospital e a de Fr. Gaspar, onde tem a entrada.

Approvado por aclamação.

Gama Xaro : — E agora, sr. Duque, que temos de fazer?

O Duque : — Auctorisar-me a «Sociedade» para que em seu nome vá pedir a Sua Magestade se digne de acceitar o título de seu Protector.

Annibal Alvarcs da Silva, fazendo diversas considerações, manifesta que a concessão d'essa alta protecção seria um gigantesco passo na estrada que conduzia á realisação do pensamento social e um título de gloria para a associação.

O Duque propoz então: se a assembléa o auctorisava a que, em seu nome, solicitasse de Sua Magestade a graça de assumir o título de Protector da «Sociedade». É approvada a proposta por aclamação.

Resolveu-se que os socios fundadores ficassem compondo a Direcção provisoria, enquanto os estatutos não fossem approvados; e tomaram-se outras deliberações com respeito aos trabalhos e diligencias que se haviam desde logo empregar concernentes á organização e regimen da «Sociedade».

O Duque disse «que fôra n'aquelle dia a primeira vez que tivera o gosto de visitar as minas da antiga *Cetobriga*, e a que vulgarmente se dava o nome de *Troia*. Pelos vestigios das construcções que alli observára, ficára summamente esperançado de que grandes vantagens archeologicas, scientificas e artisticas se poderiam obter por meio de uma bem dirigida escavação, da qual era de esperar resultasse muita honra e vantagem para este paiz, e com particularidade para a villa de Setubal, séde da respeitavel Associação.

Quando, porém, esses achados de preciosidades se não realisassem de todo, ao menos sempre um grande proveito se tiraria da escavação intentada. Descobrir-se-hiam essas ruinas, marcar-se-hia a sua extensão, e finalmente fixar-se-hiam mais as idéas para se resolver um ponto de historia e de geographia que até então não tinha sido esclarecido pelos nossos escriptores. ponto de historia, em verdade, muito mysterioso relativamente á fundação d'esta populosa cidade, cuja existencia devia ser de mui remota antiguidade.

Quanto á maneira pela qual os trabalhos da escavação deviam ser dirigidos, não era alli o momento proprio de ser tratada, tanto mais quando a sua iniciativa devia pertencer á Direcção da «Sociedade», que, depois de bem ter fixado as suas idéas a este respeito, formularia um relatorio, que apresentaria á assembléa geral.

Resolveu-se que nos estatutos se estabelecesse como base fixa que «a presidencia fosse perpetua e na pessoa do Ex.^{mo} Duque de Palmella.»

Este renova os seus protestos de zelo e boa vontade por tudo quanto fosse tendente ao augmento

e prosperidade da «Sociedade Archeologica Lusitana», a qual declarou installada. Em seguida lembra a conveniencia que havia de se pedir ao Governo a approvação dos estatutos da mesma Sociedade, apenas fossem approvados em assembléa geral. Indica á Direcção o requerer aquillo que entendesse ser mais conveniente, e declara fechada a sessão.

Então, ainda na sala da reunião, alguém aventou a idéa de a associação pedir se lhe concedesse denominar-se *Real Sociedade Archeologica*; mas o Duque, como quem conversava com os fundadores da «Sociedade», disse parecer-lhe que desde o momento em que Sua Magestade se dignasse declarar-se Protector da Sociedade, esta por certo se consideraria muito honrada, satisfeita e penhorada.

Em seguida sahiu da sala e dirigiu-se á casa onde se achava alojado, sendo acompanhado de todos os socios presentes á sessão.

No dia immediato (10) partiu de manha o Duque para Lisboa com o mesmo acompanhamento com que entrara em Setubal, e assim até além de Palmella,¹ onde, a instantes pedidos de s. ex.^a, os socios fundadores e outros se despediram e retiraram.

O Duque de Palmella voltava para a capital com a firme intenção de diligenciar obter por compra as chamadas casas dos *paços do duque*, para n'ellas pousar sempre que estivesse em Setubal por occasião dos trabalhos das escavações, a que muito mostrava desejar assistir.

Mas aqui infelizmente cabe aquelle dictado «O homem põe e Deus dispõe.»

Passado pouco tempo, o Duque fallecia, e todos os seus projectos se desfizeram como fumo.

IV

No dia 1.^o de dezembro seguinte, uma grande deputação da «Sociedade Archeologica», acompanhada do seu preclaro presidente, apresentava-se no paço real das Necessidades de Lisboa, e tinha a honra de beijar a mão a El-Rei D. Fernando, pela subida graça e regia munificencia com que Sua Magestade distinguira a mesma Sociedade, dignando-se declarar-se seu Protector.

O monarcha acolheu a deputação com mui especial benevolencia, reiterando as suas promessas de empregar os meios ao seu alcance para o progresso da «Sociedade».

Na noite d'esse mesmo dia, aquella deputação

¹ Ao passar por Palmella, o duque apeioi-se, entrou no paço municipal, onde foi cumprimentado pelas pessoas mais accomodadas; visitou a villa percorrendo algumas ruas, e molando a muito pobres e alegrando-se ao ver a satisfação com que d'entre o povo os homens se descobriam respeitosos, as mulheres lhe lançavam flores, e todos bradando «Viva o nosso Duque de Palmella!»

entrava no sumptuoso palacio do nobre Duque, para assistir a um opiparo jantar, que por s. ex.^a lhe fôra obsequiosamente offerecido, como mais uma prova de consideração á «Sociedade» pela eleição que d'elle fizera, e de reconhecimento a Setubal pelas manifestações que alli recebera de sympathia e esmerada cortezia. E no primeiro brinde que ergueu perante a mesma deputação e de muitos e diversos grandes da côrte e outros cavalheiros, declarou que a lembrança da sua entrada em Setubal sempre lhe despertaria uma das maiores satisfações que experimentára em sua vida.

Poucos dias passados, os Estatutos da «Sociedade Archeologica» eram discutidos e approvados em assembléa geral, e apresentados ao Governo, que os sancionou por alvarás de 27 de março de 1850.

Do fundo de uma casa modesta, e como que retirada ao canto de uma obscura rua,¹ limitrophe de um arrabalde triste e silencioso, sabia, digamol-o assim, o programma de uma associação, que bas-teava na sua terra uma bandeira de paz e de conciliação pela cultura das letras e do espirito, pelo estudo das artes e sciencias, e pelo derramamento da civilisação. Dir-se-hia que era a estrella brilhante que despontava de um horisonte ainda pouco antes triste e sombrio, mas cuja luz electrizaria os espiritos cultos e faria com que todos os homens mais accomodados e dedicados ás letras concorressem com o seu auxilio para que essa sociedade, banhada de luzes, cada vez mais se ennobrecesse, apontando para o caminho do progresso, espargindo as flores da instrucção e abrindo mais as portas da civilisação.

Setubal respondeu ao appello que se lhe fez, porque dos seus habitantes sahiu um sufficiente contingente, cada um na proporção das suas forças e faculdades.

Era necessario que desde logo se obtivessem alguns recursos e se procedesse a escavações; e assim se fez.

Não faltou boa vontade, nem energia da parte da «Sociedade»; directores, inspectores e todos os associados prestavam qualquer trabalho que se lhes incumbia, embora incommodo ou damnoso.

Na direcção dos trabalhos de escavações, para que houvesse uma incessante fiscalisação e a maior economia, os socios inspectores, revezando-se, iam dous em cada semana permanecer juntos entre as médas e dunas das areias, passando os dias expostos a todas as intemperies da terra e do mar, e as noites, mal abrigados em toscas barracas ou cabanas; mas sempre todos alegres e satisfeitos.

Se á força de pesquisas e fadigas os mineiros de

metaes preciosos teem sondado, escavado e penetrado o solo até ás reconditas entranhas da terra, para d'ellas arrancarem a prata e o ouro, dir-se-hia que os mineiros archeologos de Setubal queriam, como que ás invejas, rivalisar com aquelles arro-jados exploradores, e impellidos por um nobre e ardente entusiasmo pela sciencia, ter a gloria de serem uns modernos Colombos, descobridores de um novo e sublime mundo, do rasto e vestigios de nossos antepassados, que desde apagadas eras teem jazido occultos e ignorados

Os socios iniciadores da «Sociedade Archeologica» já então se haviam dirigido ao senhorio do terreno da *Troia*, Francisco Maria Cabral d'Aquino Mascarenhas, pedindo lhe licença para aquella «Sociedade» alli poder effectuar as escavações projectadas, mediante certas condições que garantissem a ambas as partes seus justos direitos; e aquelle cavalheiro com a melhor vontade annuiu ás propostas que lhe foram apresentadas. Depois de mutuo accordo redigiram-se as clausulas, que passaram a ser approvadas pela escriptura de 3 de novembro de 1849, nas notas do tabellião, em Setubal, Agostinho Albino de Faria Picão.

Era tambem necessario que a «Sociedade» tivesse uma folha periodica, em que se fossem mencionando os seus trabalhos e escrevendo as bases da sua historia, e bem depressa a «Sociedade» teve os seus *Annaes* escriptos por alguns dos fundadores. Além d'esta publicação, havia as noticias sobre as escavações, dadas pela imprensa, noticias sempre solicitadas e com tanta anciedade esperadas.

Mas era preciso mais alguma cousa de primoroso, de nobre e de ostentoso, era preciso ainda mais exornar o lustre com que a «Sociedade» havia sido realçada; era preciso que no seu seio, e entre as bellezas das artes e a magestade das sciencias resplandescessem as gentilezas de formosura e os dotes sublimes da intelligencia e da ternura. E porque já um monarcha dizia que — uma côrte ou assembléa sem o attractivo das damas era um anno sem primavera, ou uma primavera sem rosas —, a «Sociedade Archeologica», abraçando aquelle engraçado e memoravel dito de Francisco I, proclamava e firmava na lettra da sua lei que — era independente da approvação da «Sociedade» a admissão das senhoras, que por seu amor ás sciencias quizessem a ella associar-se —. Vê-se, pois, que quando, não ha muito tempo, a imprensa nacional e estrangeira votava encarecidos louvores á «Sociedade dos antiquarios de Vienna d'Austria» por haver admittido senhoras no seu seio, já em Setubal, n'um cantinho da Europa, ellas tinham o direito pleno e liberrimo deste 1850, de entrar e tomar parte n'uma sociedade archeologica.

(Continúa)

J. C. ALMEIDA CARVALHO.

¹ Casa na rua de S. Domingos, ultimamente com o numero de policia 56 — e em frente da rua de Gonçalo d'Abreu.

PELOURINHOS

Picota era a designação antiga e popular do que modernamente se chamou pelourinho. Em todo o mundo que soffreu a influencia do direito romano, na França feudal ou em Portugal paiz de foros municipaes, e de coutos e honras de fidalgos e ordens militares ou religiosas, se ergueu a picota, signal bem claro da auctoridade local.

Viterbo, no Elucidario, diz: — picota é o pelourinho com suas cadeas e argolas, onde os criminosos eram expostos á vergonha. Era a picota signal de jurisdicção. — *As paadeiras e candieiras, carnicheiros e regateiras... que defraudarem o peso pela 3.^a vez que forem culpados... devem ser postos na picota.*

Forca, picota é tronco, era a trindade da justiça; villa que a liveness era honrada, tinha meios de punir o crime, de garantir a propriedade.

De picota mui regularmente se fez o verbo *empicotar*, pôr na picota, prender nas argolas algum criminoso ou malfeitor, que não fosse réo de pena maior que açoutes ou vergonha publica.

Pelo que vejo dos documentos á picota iam os infractores das posturas municipaes.

Viterbo cita documentos de Vizeu e Porto; eu conheço muitos outros do sul a norte do paiz, e encontro sempre o uso de *empicotar* para os roubos no peso, especialmente na carne e no pão, eterna questão! invasões de propriedade, salto de muro ou vallado, etc.

E isto era geral; vejam o Ducange na palavra *Pilorium*, com as suas variantes *piloricum*, *pellerico*, *pellerinum*, *pellorium*, *pilaricum*, *pelloralium*, *spilorium*. Tambem lá na França feudal a forca, o pelourinho e o tronco formavam a affirmacção manifesta da auctoridade.

Entre nós o pelourinho estava na praça, junto

dos paços do concelho, e a forca fóra do povoado, á beira da estrada mais concorrida.

Frequentemente essa columna erguida no sitio principal foi ornamentada, como a vara do vereador, do pelouro; ainda hoje se conservam alguns pelourinhos de verdadeiro merito artistico.

Pelourinhos, cruzeiros, capellinhas das almas espalhadas pelos campos, tem uma funcção artistica, popular, que merece attenção.

Duarte d'Armas (Livro das fortalezas do Reino, na Torre do Tombo) pintou tambem alguns pelourinhos com suas gaiolas e guaritas para exposicção dos criminosos; o que me parece influencia flamenga; porque

nos pelourinhos que conheço, antigos, não vejo signal de gaiola. Em geral, do topo da columna ou pilastra saem quatro braços de ferro, cruzados, com aneis pendentes.

Creio que o pelourinho de Arraiolos, muito elegan-

te construcção, ainda estará completo; ainda o vi ha poucos annos com seus anneis e cadeias.

Ha bastantes pelourinhos do tempo de D. Manuel; foi n'este reinado que foram dados ou renovados muitos foraes. (V. art. de Andrade Ferreira, *Artes e Letras*, 1872).

No museu da nossa Associação está o pelourinho do coulo d'Evora de Alcobaça (n.º 3:876, da nave central do Carmo), que tem sobre a columna a figura do abbade, como symbolo da posse e auctoridade territorial.

A respeito do pelourinho do Fundão, diz o nosso consocio, sr. José Germano da Cunha, no seu livro — *Apontamentos para a historia do concelho do Fundão* — uma bella manha (julgo que em 1882) appareceu em terra e feito em pedaços. Fóra isto em consequencia de uma resolução da camara suppondo que o pelourinho era simplesmente um emblema de infamia e despotismo. A este respeito



Pelourinho do Fundão

o sr. Cunha cita Herculano, que via no pelourinho um symbolo da liberdade burgueza, e o sr. Theophilo Braga que o julga emblema da jurisdicção municipal.

O pelourinho da cidade de Evora tambem appareceu em terra uma manhã, haverá 30 annos; creio que ainda existem os pedaços da columna; não tinha merito artistico.

Vilhena Barbosa trata dos pelourinhos nos *Estudos historicos e archeologicos*, T. 1.º, 253: e assim o sr. Oliveira nos *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, trabalho vastissimo e de alta importancia para o paiz, no tomo 1.º, pag. 213-409 e segg.

Na artistica columna vasada com que Eugenio dos Santos de Carvalho, o architecto da nova Lisboa, adornou a actual praça do Pelourinho, foi justigado um cadete por crime de fraticidio. Foi a ultima execução capital no pelourinho que o reino presenciou.

O pelourinho de Setubal dizem que é uma columna de marmore extrahida das excavações de Cetobriga, em tempo de D. Maria I.

O *Occidente* tem publicado algumas gravuras de pelourinhos: no 1.º vol., de Campo Maior e Bragança; no 4.º, de Villa Viçosa; no 5.º, de Villa Nova de Foscôa, Aldeia Gallega, de Pinhel e Trancoso, etc.

G. PEREIRA.

O COLLAR DA PENHA VERDE

O collar de ouro purissimo cuja estampa apresentamos n'este numero é uma joia extraordinaria; ainda superior ao achado ha alguns annos em Pennella e que foi comprado por el-rei D. Fernando. (V. artigo e estampa na 2.ª serie, tomo iv do nosso *Boletim*).

Nos grandes museus estrangeiros, nas maravilhosas colleções de joias antigas do Louvre ou do Museu Britannico não sei que se lhe possa comparar no seu genero, peso, estado de conservação e nitidez artistica. Este collar, chamemos-lhes assim convencionalmente, foi achado n'uma parte da famosa quinta da Penha Verde, em Cintra, parte a que chamam o Casal de Santo Amaro, n'uma sepultura descoberta por acaso, quando se faziam trabalhos n'uma pedreira. Isto ha uns quinze annos. O achador emprestou-o a certa pessoa que o foi empenhar n'uma casa que depois falliu, de modo que o feliz achador tem andado parte da vida a tratar de reaver a joia; só o conseguiu em 1895, e foi então que o publico erudito e amator de antiguidades poudo admirar o *collar da Penha Verde*. Por occasião da exposição de Arte-Sacra,

celebrada no palacio de Bellas-Artes, ás Janellas Verdes, no centenario Antonino, o collar esteve exposto ao publico n'uma vidraça do segundo pavimento.

Tem 0,^m 14 de diametro; altura maxima 0,^m 035 e peza 1:260 grammas.

E' formado de tres collares, desiguaes, soldados intimamente nas extremidades, com um fecho geral bem representado na estampa. O lavor simetrico, formado de rectas, angulos e fachas em dentes de serra. Os tres collares todos mais grossos a meio, adelgaçando para as extremidades. Aqui umas campanulas fixas, que parecem ornato, bem salientes, com espigões centraes, agudos; talvez engastes de pedras preciosas, de que todavia não resta vestigio algum.

Com os tres collares são desiguaes, soldados nos extremos, resulta um vão conico. Isto torna esta joia bem singular.

Antigas raças bem diversas usaram collares, manilhas e braceletes; ao percorrer dictionarios de antiguidades apparecem logo os persas, os gaulezes, os medas como usando no seu trajar braceletes e collares. As damas gregas usavam braceletes e pulseiras, na parte grossa do braço, e nos pulsos, manilhas na parte fina da perna.

O bracelete de muitas voltas, cobrindo uma parte consideravel do braço, como cobra enroscada foi usado largamente. Nos bronzes dos *Siret* vem exemplos achados na peninsula.

No Museu Britannico ha braceletes torcidos, ou enroscados de prata e ouro, alguns enormes, isto é, mui compridos, de variadissimas proveniencias.

Torques ou *torquis* chamaram os latinos aos collares; *torc* entre bretões e antigos irlandezes; e *armilla* ao bracelete. Ha exemplos de generaes romanos conferirem braceletes aos guerreiros por extraordinarios feitos. De modo que taes joias são ornatos, e podem ser distinctivos de meritos e posição, e sempre thesouros de alto valor. Seguramente o lusitano que usava esta joia da Penha Verde era um opulento.

Torque atque armillis decoratus: manuleatus et armillatus in publicum processit; são phrases citadas: *Viriae* (arum), especie de bracelete de homem, d'onde *Viriatius* o que usa bracelete; como *Torquatus* o que usa *Torques*. Tito Manlio foi apellidado *Torquatus* porque apanhou em briga o collar de um guerreiro gaulez.

Ha ainda a designação *torquis brachialis*, e ainda *armillae quae brachialia vocantur*, que provavelmente são os grandes braceletes do grosso do braço.

Na guerra o grande despojo, o rico resultado era avaliado na quantidade de aneis, de pulseiras e collares. Estando os romanos no occidente da peninsula, tanto tempo, e tão intensamente, o que admiro

é que lhes escapasse este ouro. Porque os objectos de ouro achados nos ultimos trinta annos são numerosos e alguns importantissimos; muitos lisos ou quebrados tem ido parar aos cadinhos. Quantos se terão encontrado antes? quantos se terão perdido? Deus permitta, que este lique em Portugal, porque é joia de primeira importancia.

GABRIEL PEREIRA.

CORRESPONDENCIA

Paris, le 3 août 1895.

Monsieur et cher confrère. — L'Institut de France célébrera, du 23 au 26 octobre prochain, le centième anniversaire de sa fondation. Vous trouverez sous ce pli, le programme des fêtes que nous organisons à cette occasion. Nous avons cherché à les rendre dignes de ce grand événement. Mais ce qui donnera à ces fêtes le plus d'éclat, ce sera la réunion de tous les savants et artistes français et étrangers qui appartiennent à l'Institut et dont les travaux font la gloire de notre compagnie.

Nous avons la confiance que vous voudrez bien répondre à notre convocation pour resserrer les liens qui nous unissent. Nous serions heureux de savoir le plus promptement possible vos intentions pour prendre les mesures nécessaires.

Agrérez, monsieur et cher confrère, l'assurance de nos sentiments tout dévoués.

Le secrétaire de l'Institut Delaborde. —
Le président, Ambroise Thomas.

Fêtes du centenaire de l'Institut, qui seront célébrées du 23 au 26 octobre 1895

23 octobre. A 3 heures. — Réception au palais de l'Institut des associés et correspondants étrangers et des correspondants français.

Le soir — Réception chez M. le ministre de l'instruction publique

24 octobre. A 2 heures. — Séance publique dans la grande salle de la sorbonne. M. le président de la république a bien voulu promettre d'y assister. Des discours seront prononcés par le président de l'Institut, par le ministre d'instruction publique et par M. Jules Simon.

La séance sera ouverte et terminée par l'exécution de morceaux de musique avec chœurs.

Les femmes des associés et correspondants sont invitées à cette séance.

Le soir à 8 heures. Banquet M. M. les associés et correspondants sont invités à ce banquet.

25 octobre. A 1 heure $\frac{1}{2}$. — Représentation à la Comédie Française. Le spectacle sera composé des pièces suivantes: *Horace* et les *Femmes Savantes*. Entre les deux pièces, une poésie de M. Sully-Prud'homme, sera dite par le doyen de la Comédie Française entouré de tous les artistes.

Les femmes des associés et correspondants sont invitées à cette représentation.

Le soir. Réception chez M. le président de la république.

26 octobre. — Visite du château de Chantilly.

Les compagnies de chemins de fer français ont promis d'accorder une réduction de 50 p. c. sur le prix des places à l'aller et au retour pour les personnes qui seraient invitées aux fêtes du centenaire de l'Institut et dont la liste leur serait fournie par la commission des fêtes. M. M. les associés et correspondants sont priés d'indiquer la station de chemin de fer que serait leur point de départ et leur point de retour sur le territoire français, et de faire connaître s'ils se proposent de venir avec leurs femmes.

EXTRACTOS DAS ACTAS

SESSÃO DE 6 DE AGOSTO DE 1894

(Continuado do numero antecedente)

Principios de pedagogia. O socio correspondente sr. José Augusto Coelho, offereceu para a bibliotheca da Real Associação esta sua obra. Em officio o digno socio chama a attenção para o logar que a archeologia tem na pedagogia.

Socios correspondentes. Foram eleitos os srs. dr. José Augusto Nogueira Sampaio, reitor do lyceu de Angra do Heroismo; Samuel Meyer, da Academia nacional de sciencias, bellas letras e artes, da Rocheila; e Celestino Rodrigues Corrêa Pereira Brandão, auctor de estudos archeologicos e historicos sobre a ilha das Flores.

Socio effectivo. Foi eleito o socio correspondente sr. José Augusto Coelho, professor da Escola normal de Lisboa.

Bibliotheca Açoriana. Do socio correspondente sr. José Joaquim Pinheiro, receberam-se dois volumes da Bibliotheca Açoriana, em generosa offerta.

Socio honorario. Foi eleito o sr. Alberto Pimentel, deputado pela Povoá de Varzim, vogal da commissão dos Monumentos Nacionaes, e escriptor publico.

SESSÃO DE 22 DE OUTUBRO DE 1894

Estacio da Veiga: Antiguidades do Algarve. O socio sr. visconde da Torre da Murta apresentou os volumes do fallecido archeologo Estacio da Veiga, sobre antiguidades do Algarve; o sr. visconde teve palavras de justo louvor para esse perseverante e consciante indagador que a morte roubou tão cedo á sciencia portugueza. A proposito disse que seria tambem para desejar, que no Alemtejo se fizessem reconhecimentos archeologicos de igual intensidade; deve haver thesouros n'aquelle territorio, avaliando pelo que o trabalho ou a pesquisa eventual tem revelado.

Catalogo da bibliotheca da Real Associação. O sr. visconde participou ter concluido o catalogo da nossa livraria.

Alberto Pimentel agradece penhorado a sua eleição de socio honorario; offerece a sua boa vontade, os seus recursos; ha muito que tem por esta Real Associação um culto sincero; elogia a perseverança e a constante dedicação do venerando presidente, sr. Possidonio da Silva.

Boletim. Voto de louvor ao secretario pela publicação do *Boletim*.

Theodoro da Motta. O socio sr. Rocha Dias propõe um voto de sentimento pela morte do socio effectivo, Theodoro da Motta. Refere-se ao testamento e á generosa instituição do premio, lendo o artigo publicado no *Diario de Noticias*, de 23 de setembro de 1894. O sr. Alberto Pimentel a este proposito contou a maneira gentil por que a protecção d'el-rei D. Fernando elevou o benemerito professor Theodoro da Motta, de humilde rapaz campesino a desenhista distincto.

Convento de Monchique. O socio sr. Cavalleiro e Sousa falla de um convento em ruínas, em Monchique, que tem um curioso portal manuelino.

Centenario de Santo Antonio. O socio sr. Alberto Pimentel diz que a Real Associação não deve esquecer o centenario que se vae celebrar na capital. Falla da importancia especial que tem para Lisboa este centenario.

Monumentos nacionaes. O socio sr. Cavalleiro e Sousa, a proposito do relatorio do sr. presidente Possidonio da Silva, a respeito de monumentos nacionaes, queixa-se da falta de providencias que ha entre nós para assegurar a conservação de monumentos.

Catalogo. O socio sr. dr. Sousa Viterbo propõe um voto de louvor ao socio visconde da Torre da Murta, pelo seu catalogo.

Antiguidades. O socio sr. Alberto Pimentel fallou sobre a importancia de alguns archivos particulares, por exemplo das casas Monfalim, Terena e Rio Maior; da lenda de *Pedro Cem, que já teve e agora não tem*; da torre chamada de Pedro Cem, no Porto; e offereceu á Real Associação photographias de Leça do Bailio, tiradas pelo distincto amador Joaquim Basto.

Torre dos Coelhoos; solares antigos. O secretario sr. Gabriel Pereira, a proposito da casa Monfalim, fallou ácerca dos solares antigos do Alemtejo, da Torre dos Coelhoos, dos antigos Cogominhos, hoje na referida casa; dos solares da Amoreira, que pertenceu á casa de Aveiro; da Sempre Noiva, que foi dos Vimiosos; da Oliveira; dos Vasconcellos do Esporão, etc., que ainda conservam torres medievaes.

SESSÃO DE 18 DE NOVEMBRO DE 1894

Presidiu por aclamação o sr. visconde da Torre

da Murta na ausencia, por doença, dos ex.^{mos} presidente e vice-presidente.

Socios fallecidos. Participação da Sociedade franceza de archeologia, de Caen, do fallecimento dos socios correspondentes, srs Julio Pasquet du Bousquet de Lauriere, e Leão Palustre, em outubro ultimo. Voto de pezames. O sr. de Lauriere fez em 1880 uma visita demorada em Portugal, estudando minuciosamente alguns dos nossos monumentos.

Agradecimentos do socio correspondente dr. José Augusto Nogueira Sampaio, e do effectivo, sr. José Augusto Coelho.

Jeronymos. Entre os socios srs. Cavalleiro e Sousa, Sousa Viterbo e Alberto Pimentel trocaram-se algumas observações a respeito de monumentos, especialmente ácerca do mosteiro de Belem (Jeronymos) e dos famosos architectos Boutaca e João de Castilho.

Relatorio. Resolveu-se que o relatorio ácerca da nossa bibliotheca, apresentado pelo sr. visconde da Torre da Murta, fosse publicado no *Boletim*.

Socios correspondentes. Foram approvados os srs. Albano Ribeiro Bellino e dr. José de Sousa Machado, de Braga.

Corpos gerentes. — Foram eleitos para o exercicio de 1895:

Presidente — J. P. Narciso da Silva.

Vice-presidentes — Conde de S. Januario e Valentim José Corrêa.

Secretarios — Visconde de Alemquer e Gabriel Pereira.

Vice-secretarios — Ascensão Valdez e Rocha Dias
Thesoureiro — Ernesto da Silva.

Conservador da Bibliotheca — Visconde da Torre da Murta.

Adjunto — Costa Goodolphim.

Conservador do Museu — Marquez de Vallada.

Adjunto — Visconde de Castilho.

Secção de architectura

Presidente — Valentim José Corrêa.

Secretario — Dr. Camara Manuel.

Vogaes — Antonio Pimentel Maldonado, Joaquim da Conceição Gomes, Antonio da Costa Oliveira, Francisco Soares O'Sullivan e Antonio Felix da Costa.

Secção de archeologia

Presidente — Sousa Viterbo.

Secretario — Cavalleiro e Sousa.

Vogaes — Alberto Pimentel, conde d'Almedina, Zephyrino Brandão, Henrique Casanova, monsenhor Elviro dos Santos e visconde de Sanches de Baena.

Secção de construção

Presidente — Simões Margiochi.

Secretario — Dr. Camara Manuel.

Vogaes — Jacintho Parreira, J. da Cunha Porto, Conceição Gomes, Bernardino J. de Carvalho e Lício da Silva.

SESSÃO DE 16 DE DEZEMBRO DE 1894

Antiquidades de Faro e seu termo. Officio de monsenhor Pereira Botto, conego da sé de Faro, sobre antiquidades d'esta cidade e seu termo, e tratando tambem do *Museu lapidar infante D. Henrique*.

Socios effectivos. Foram eleitos os srs. José Leite de Vasconcellos, conservador da Bibliotheca Nacional, lente de numismatica, e director do Museu Ethnographico; e Filippe Eduardo de Almeida Figueiredo, lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria.

Socios correspondentes. Eleitos os srs. Bento de Sousa Carqueja, lente no Porto e escriptor publico; Petit Fils e Philippon, architectos em Paris; e José d'Almeida e Silva, de Vizeu.

Vistas de Leça do Balio. Foram presentes, já nas suas molduras, as photographias offerecidas pelo socio sr. Alberto Pimentel.

Conferencias ou palestras.—O socio sr. visconde da Torre da Murta, em nome do socio sr. Alberto Pimentel (ausente) apresentou uma proposta para se fazerem conferencias na Associação, em fôrma de palestra, com a maior modestia; só para os socios ou publicas, á vontade dos conferentes.

Sé de Vizeu. Leu-se um artigo e notas do sr. José d'Almeida e Silva, sobre o estado das obras na sé de Vizeu; descobriram-se duas columnas, com dois bustos sobre os capiteis; foram presentes os desenhos dos bustos.

Domingos Antonio de Sequeira. O presidente, ex.^{mo} sr. Possidonio da Silva, apresenta uma proposta para que os restos do celebre artista Domingos Antonio de Sequeira, que estão na egreja de S. Lourenço em Roma, sejam trasladados para Portugal. A proposito, o sr. presidente conta algumas particularidades do grande desenhista e pintor. Ainda o conheceu morando no largo do Carmo, predio que foi do dr. Pinto Coelho, em frente do nosso museu; mudou-se depois para o predio chamado do Andrada, na calçada do Arroz. Em 1827 não tinha escola aberta já; mas, por excepção, ainda admittiu ao seu ensino o sr. Possidonio da Silva. Desenhava primeiramente na pedrã, variando abi

os seus esquissos e projectos; foi assim que o viu trabalhar nos desenhos dos baixos relevos para o primeiro monumento do Rocío. Os quadros *A morte de Camões* e a *Fugida para o Egypto* foram comprados para o Rio de Janeiro. Os quadros que pintou em Roma, do *Juizo final*, estão hoje no palacio Palmella; e os cartões, com muitos outros desenhos, na sala especial que lhe é consagrada no Museu Nacional das Bellas Artes, ás Janellas Verdes.

Os socios srs. Sousa Viterbo, Pimentel Maldonado e outros fallam sobre esta proposta tão patriótica, e de um fim tão elevado.

Ficou a meza encarregada de formular uma proposta definitiva.

Monchique, convento. O socio sr. Sousa Cavalleiro apresentou o desenho das ruinas da porta do convento de Monchique, e leu parte de uma memoria sobre monogrammas do templo dos Jeronymos.

Jeronymos. O socio sr. Sousa Viterbo refere-se á existencia dos cadernos da despeza do mosteiro de Santa Maria de Belem (Jeronymos), que se guardam na Torre do Tombo; segundo os documentos que tem lido o architecto, *Boytac* era de origem franceza; e João de Castilho, outro architecto celebre dos Jeronymos, era byscainho.

PUBLICAÇÕES

Catalogos do Museu archeologico de Beja. Estes catalogos que respeitam ás diversas classes do museu, pesos e medidas, azulejos, mosaicos e cimentos, ceramica, etc., são muito interessantes. As relações dos objectos são acompanhadas de documentos colhidos nos archivos bejenses.

Vizeu. Apointamentos historicos. O sr. Maximiano d'Aragão publicou o tomo 2.^o que trata da historia de Vizeu desde a fundação da monarchia até ao reinado de D. João II, com alguns additamentos. O nosso digno socio está prestando um alto serviço á famosa e veneravel cidade.

Milliarios do Conventos Bracaravgestanus em Portugal. Reliquias d'epigraphia romana, trasladadas dos proprios monumentos. É um bello e serio trabalho do nosso digno socio, sr. Manuel José Martins Capella, professor do Lyceu de Vianna do Castello. Estudou muito, indagou muito para fazer este volume que honra a archeologia nacional.

Inscrições romanas de Braga (ineditas). Devesmos este livro, que contém mais que o titulo indica, ao trabalho aturado do nosso socio, sr. Albano Belmino, de Braga. O texto é acompanhado de cartas topographicas, photographias, etc.

ASSIGNATURA.—Anno, 4 numeros, 600 réis.—Ultramar e estrangeiro, accresce a franquia do correio.—Numero avulso, 200 réis.